



ENTREVISTA

XV Bienal de Pintura do Eixo Atlântico - Gosia Trebacz, presidente do júri

1. O que significou para si presidir ao júri da XV Bienal de Pintura do Eixo Atlântico?

Foi uma honra, uma imensa alegria e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade. Passei uma vida inteira a criar e a contribuir para a cultura das cidades onde vivi: Cracóvia, Madrid e agora A Coruña. Resido na Galiza há trinta anos e a minha vida é artisticamente dedicada a este particular "Finis terrae".

Portugal também faz parte da minha vida pessoal e tem sido, desde há anos, uma fonte de inspiração artística, quer na sua pintura de vanguarda, quer na sua arquitetura. Quando me propuseram presidir o júri da XV Bienal de Pintura do Eixo Atlântico, foi um verdadeiro presente.

2. A Bienal é um dos eventos culturais mais importantes da Galiza e do norte de Portugal. Que papel considera que desempenha na promoção da arte na Eurorregião?

A Bienal de Pintura do Eixo Atlântico desempenha um papel fundamental na promoção da arte e da cultura da Galiza e do norte de Portugal. Serve de trampolim para artistas emergentes e consagrados mostrarem o seu trabalho na nossa preciosa "esquina" atlântica. Promove a criatividade, o intercâmbio de ideias e o diálogo entre artistas, críticos e público, fortalecendo os laços culturais entre as duas regiões. Além disso, contribui para projetar a Eurorregião como um destino de turismo cultural, cheio de vida e talento.

3. O que achou das obras apresentadas nesta edição? O que é que o júri valorizou particularmente?

Este ano, o júri valorizou a qualidade artística, o impacto visual e a voz própria de cada obra. Esta edição contou com um elevado nível, e a seleção dos finalistas foi tão difícil como emocionante. Cada participante demonstrou na sua proposta toda a sua paixão e sensibilidade artística.

4. A sua carreira abrange disciplinas tão diversas como a pintura, a fotografia e a videoarte. De que forma é que esta perspetiva multidisciplinar influencia a sua forma de avaliar o trabalho de outros artistas no âmbito da pintura?

Considero que esta perspetiva multidisciplinar me ajuda a ter uma visão mais ampla e sensível do meu meio envolvente. Permite-me perceber matizes, detalhes e emoções que, por vezes, se escondem no mais profundo de cada obra. Cada técnica ou disciplina que explorei ensinou-me a olhar de diferentes ângulos, e isso enriquece muito a minha forma de avaliar o trabalho de outros artistas.

5. Como avalia o estado atual da criação artística na Galiza e em Portugal?

Há algum tempo, a criação artística tornou-se mais livre, mais rebelde e mais acessível a todos. Graças às redes sociais, já não depende exclusivamente das grandes galerias de arte. A arte foi democratizada: é partilhada, misturada com outras disciplinas e vivida intensamente. Existem muitas iniciativas que combinam várias disciplinas artísticas, criando uma linguagem multidisciplinar. Uma dessas iniciativas promove artistas diversos como Ana Tomé, Amparo Martínez, Baldo Ramos, Benito Freire, Branca Trigo, César de Centi, Eva Veiga (Grupo Oriol), Jerzy Janiszewski, José Vázquez Liste, Leticia Rey, Mercedes Peón, Pablo Sánchez e Miguel Anxo Fernán Vello. Patrícia Oliveira, Pedro Lamas, Ramón Trigo, Ricardo de Campos, Silvia Penas, Silvia Penide, Sol Mariño, Teresa Seara, Xulio López Valcárcel e outros artistas que frequentam o STO LAT – oficina de arte – laboratório de ideias – já uma referência cultural na Galiza e em Portugal. Uma riqueza para todos os sentidos.

6. Que desafios pensa que enfrentam hoje em dia os artistas emergentes para difundir e consolidar o seu trabalho?

Ao longo da história da arte, para a maioria dos artistas emergentes sempre foi muito complicado que a crítica avaliasse positivamente uma proposta que transcendesse o convencional. Muitos deles, após a sua morte, renasceram com as suas obras, incompreendidos na altura da sua criação. Hoje, no entanto, existem inúmeras ferramentas que facilitam a visibilidade, especialmente as redes sociais. Ainda assim, consolidar-se continua a ser um desafio: exige perseverança. A criatividade e a cultura oferecem um pequeno alívio no panorama mundial, tão desolador neste momento.

7. Com base na sua experiência em projetos coletivos como o STO LAT e o STOLATART, que importância crê que tem a colaboração neste tipo de certames para a criação artística contemporânea?

A colaboração é essencial. Trabalhar com outros artistas ou instituições enriquece a criatividade, abre a mente e permite partilhar diversas visões da arte e do mundo. Os certames, como este do Eixo Atlântico, não só premeiam o talento individual, como fomentam a ligação, a liberdade de expressão e o intercâmbio cultural. E isso, agora mais do que nunca, é fundamental.

8. Na sua opinião, qual o contributo que a Bienal de Pintura do Eixo Atlântico pode dar ao diálogo cultural entre a Galiza e o norte de Portugal?

O diálogo cultural entre a Galiza e o norte de Portugal tem uma longa história, e a Bienal é parte integrante desse intercâmbio. Fortalece um vínculo já profundamente enraizado, contribuindo com novas perspetivas, colaborações e experiências artísticas partilhadas. É uma ponte que une sensibilidades e reforça a nossa identidade comum.

9. A Bienal vai ser inaugurada em Viana do Castelo e contará com exposições em diferentes municípios do Eixo Atlântico, além da possibilidade de ser visitada virtualmente. Porque recomendaria ao público visitá-la, seja pessoalmente ou virtualmente?

É um evento obrigatório para todos os interessados no mundo da arte. A proposta deste ano é muito especial e não deixará ninguém indiferente. Tanto as obras premiadas como as selecionadas contam histórias únicas, com técnicas e estilos muito diversificados. Visitar a Bienal, seja presencialmente ou virtualmente, é uma oportunidade para apreciar a arte e sentir de perto a força criativa que une a Galiza e Portugal. Para mim, foi uma verdadeira honra presidir ao júri desta edição de 2025.